

FEBRA  PSI

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

[64]

Fórum Científico
abre espaço
para trocas
teórico-clínicas

Uma comissão
para estudo
sobre práticas
antirracistas



UM ANO DE PANDEMIA

Os lugares possíveis e os desafios
para a prática e a teoria psicanalíticas



Esse é o primeiro número do Febrapsi Notícias de nossa gestão, que iniciou no final de julho do ano passado. Assumimos a direção em meio a essa pandemia que segue nos assustando e indignando cada vez mais. Nesse momento, o Brasil bateu o recorde de mortes em um dia: mais de 3.900. Em março vimos UTIs lotadas, profissionais de saúde exauridos, portas de Pronto Atendimento fechadas por falta de leitos e pacientes e suas famílias percorrendo as cidades em busca de socorro médico. Vimos brasileiros morrendo no chão, sem atendimento.

Assumimos a direção da Febrapsi enfrentando importantes desafios, ultrapassando vários deles no decorrer dos meses e tomando providências difíceis, porém necessárias. Trabalhamos muito, com reuniões semanais da diretoria, que precisava tomar pé da situação em pleno voo. Secretária-geral, tesoureiro, diretora superintendente e nossas secretárias trabalhando com afinco e sintonia. Contamos com apoio dos presidentes das federadas, dos colegas componentes de várias comissões, dos colegas que deixaram o grupo diretor anterior e dos que compuseram a importante Diretoria Provisória no período de transição até nossa eleição. E de colegas que não estão em comissões, fazem parte da Febrapsi e têm tido uma atenção e carinho comoventes para com a diretoria. Agradecemos a todos.

Entramos no nono mês de gestão com belos frutos colhidos e outros amadurecendo: a Assembleia de Delegados concordou com o adiamento do Congresso para março de 2022, visando aumentar a chance de que ele seja presencial. Estão em andamento as providências necessárias junto à comissão organizadora local, e a comissão científica trabalha arduamente, estando com a grade de atividades praticamente pronta. Vários eventos preparatórios ocorreram e muitos outros estão agendados com as federadas.

A Diretoria Científica implantou o Fórum Científico - que será o novo espaço disponível para trocas científicas on-line, exclusivo da Febrapsi. Em parceria com a Comissão de Núcleos, estamos organizando, pela primeira vez, um evento on-line para apresentar a psicanálise que praticamos em Belém do Pará, em maio.

A AD aprovou, também, a criação da Comissão de Estudos Psicanalíticos sobre Racismo e Práticas Antirracistas e a realização anual da Jornada de Comunidade e Cultura. O tema racismo ganhou uma projeção indiscutivelmente necessária no último ano e assim precisa seguir no país e no mundo.

O Conselho Profissional organizou a comissão para fazer a revisão do Estatuto e promoveu reunião dos representantes das federadas, com a presença dos advogados que fazem nossa assessoria parlamentar.

O Departamento de Publicações e Divulgação se dedica no momento à criação do hotsite para o Congresso e do novo site para a Febrapsi, já que o atual se mostra insuficiente e obsoleto.

Além disso, passamos a apoiar o projeto SOS Manaus, que conta com mais de 80 analistas disponíveis para auxiliar nos cuidados a um amplo público-alvo, nesse dramático período de pandemia. E nos unimos à sociedade por meio de manifestos que consideramos pertinentes e necessários. Completamos 1 ano de pandemia assustados e valorizando cada vez mais os laços que nos mantêm unidos e pensantes.



Cintia Xavier de Albuquerque

Presidente da Febrapsi



Caros colegas

Quando o tema "Um ano de pandemia" foi escolhido para esta edição, imaginávamos fazer uma retrospectiva da crise, dos desafios que enfrentamos e uma avaliação de nossas respostas. Queríamos acreditar que, uma vez que as vacinas apareciam no horizonte, poderíamos começar a falar do passado. Não foi o que aconteceu. Estamos vivendo o momento mais crítico da pandemia do coronavírus no Brasil. Assistimos atônitos ao aumento do número de contágios, o colapso do sistema de saúde e recebemos a triste notícia de que o número de mortos ultrapassou a marca dos 350 mil. Além da crise sanitária, da crise política e econômica, o deterioramento da saúde mental da população exige atenção especial. Nós, psicanalistas, não escapamos desta triste realidade: somos parte das estatísticas e temos sofrido muitas perdas de colegas da Febrapsi. Em vez de discorrer sobre a crise, nos vemos novamente jogados dentro dela, procurando sobreviver e pensar em meio à turbulência que nos assola.

Ainda que neste momento tenhamos mais perguntas do que respostas, nosso ofício nos convoca a pensar e é evidente o esforço dos psicanalistas no sentido de sustentar o vigor de nossa teoria e prática diante de tantos obstáculos, como evidenciam os artigos dessa edição.

Sergio Nick relata o processo da IPA de avaliação da análise remota e discute o alcance desta modalidade a partir da experiência que tomou conta do universo psicanalítico.

Quando fala das origens corporais da identificação, Roberto Santoro lança uma rede de associações que dá base para a discussão acerca dos limites da psicanálise remota.

Ludmila Frateschi trata da verdade intangível do trauma e propõe uma reflexão sobre o lugar e o trabalho do analista também sujeito à pandemia.

Ana Pandolfo lança mão de sua experiência anterior à pandemia para enfrentar o desafio de atender crianças e adolescentes, população extremamente afetada pelos efeitos do isolamento social.

Nós, da diretoria da Febrapsi, temos trabalhado intensamente no sentido de acompanhar os acontecimentos e desenvolver ações e recursos para que nossa Federação

continue atuante e representativa das federadas componentes. Aqui, vocês poderão conhecer algumas de nossas atividades.

Quando pensamos na Febrapsi como uma comunidade de psicanalistas que trabalha por um bem comum, na riqueza do intercâmbio entre seus membros e no afeto que nos enlaça, voltamos a sentir esperança e, com ela, o entusiasmo pelo trabalho de representar e facilitar nossas conexões.

Esta esperança reabre o espaço para o sonhar, sonhar com encontros, abraços, brindes, sonhar com a VIDA. E vem o grande desejo de um encontro presencial e caloroso em Gramado, no 28º Congresso Brasileiro de Psicanálise em março de 2022. Que o trabalho psíquico que temos investido para sustentar a vida alcance o prazer no dia do encontro.



Marina K. Bilenky

Editora

DEPARTAMENTO DE
PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO

EDITORA: Marina Kon Bilenky (SBPSP)
CO-EDITORA: Cláudia Carneiro (SPBsB)

COMISSÃO EDITORIAL: Cintia Buschinelli (SBPSP)
e Helena Lopes Daltro Pontual (SPBsB/SBPSP)

CAPA - IMAGEM: "Perro semihundido", de Francisco de Goya - Técnica mista em revestimento de parede transferido para tela. 1820-1823

CONCEPÇÃO: Cintia Buschinelli

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Eumano Silva

DIAGRAMAÇÃO: Licurgo S. Botelho

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Av. Nossa Sra. de Copacabana, 540 / sala 704
RJ - CEP 22.020-001

Tel: 55 21 2235.5922 | e-mail: divulgacao@febrapsi.org

www.febrapsi.org

Acesse as redes sociais da Febrapsi | [Facebook](#) | [Youtube](#) | [twitter](#) | [Instagram](#)

Edição distribuída em formato digital

CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE: PRESENTE

Bernard Miodownik

Diretor científico da Febrapsi

Há pouco mais de um ano, na reunião da diretoria científica da Febrapsi com diretores científicos das federadas, foi escolhido o tema do 28º Congresso Brasileiro de Psicanálise “Laços: o Eu e o mundo”, marcado inicialmente para setembro deste ano em Gramado-RS. Saímos todos da reunião com grandes expectativas. Pelo tema, pela sua base no texto freudiano “Psicologia das massas e análise do Eu” de impactante atualidade e pela perspectiva de mais um prolífico e afetivo encontro na aconchegante cidade gaúcha.

Quem imaginaria que dois meses depois expectativas e necessidades mais imediatas de sobrevivência física e psíquica se tornariam centrais? Uma tarefa emocional hercúlea se impôs ao Eu de cada um e a um Eu coletivo. As quarentenas nos estados começaram às vésperas do evento preparatório inaugural do Congresso que ocorreria em Porto Alegre. Para este encontro foi programada uma inédita, em termos de Febrapsi, transmissão direta para todas as federadas e para interessados não membros. O evento ocorreu mais adiante em julho no formato virtual, o que veio a se tornar rotina. Quem imaginaria?

Até pouco mais de um ano atrás, a pandemia era questão de memória histórica, de augúrios apocalípticos de profecias bíblicas ou da criatividade de escritores de ficção científica. Há pouco mais de um ano a pandemia transpôs a linha imaginária que integrava ao Eu o trauma histórico e sua representação psíquica, a fé religiosa (aos



“Deu a mão a Olívia para a ajudar a erguer-se. O contato daquela epiderme quente teve um estremecimento agradável. E, quando, lado a lado descenderam as escadas devagar, ele sentiu como nunca que estava perto de um ser humano, de alguém que era, que existia, de maneira profunda, integral, que não constituía apenas uma soma de vaidades, de atitudes, de desejo de aparecer.”

Érico Veríssimo

*Olhai os lírios do campo, romance (1938),
Companhia das letras*

*É preciso que a saudade desenhe tuas linhas
perfeitas, teu perfil exato é que apenas levemente, o vento
das horas ponha um frêmito em teus cabelos....*

*É preciso que tua ausência trescale
sutilmente, no ar, a trevo machucado,
as folhas de alecrim desde há muito guardadas
não se sabe por quem ninguém move antigo ...*

*Mas, é preciso, também, que seja como abrir uma janela
e respirar-te azul e luminosa, no ar.*

*É preciso a saudade para eu sentir
como sinto -em mim- a presença misteriosa da vida*

*Mas, quando surges és tão outra e múltipla e imprevista
que nunca te nunca te pareces com teu retrato...*

E eu tenho de fechar os olhos para ver-te

Mário Quintana

Presença Apontamentos de história sobrenatural (1984), Editora Globo.

que a têm) no seu aspecto apaziguador e as fantasias com seus simbolismos para tornarem-se uma concreta e triste realidade. Como no texto freudiano, a vivência de desamparo leva os indivíduos a se irmanarem diante de um líder que oferece proteção emocional contra o mal-estar psíquico. Seguindo a trilha da polarização política que tanto nos tem atormentado e causado cisões intensas nos pequenos e nos grandes grupos, alguns se aglutinaram no negacionismo que reforça a onipotência narcísica e outros, aparentemente a maioria, se agruparam em torno da ciência, apesar das certezas instáveis que oferece. Há líderes de vida e líderes de morte, um tema já agendado no Congresso Brasileiro.

Temos nos adaptado integrando ao Eu esse “novo” mundo e, consequentemente, procurando melhorá-lo. Assim tem sido nos consultórios, nas instituições e também nos congressos científicos. O da Fepal no ano passado e o da IPA este ano realizados de forma virtual. A Assembleia de Delegados da Febrapsi reunida em novembro de 2020 avaliou que em setembro deste ano só poderíamos realizar o Congresso Brasileiro de forma virtual e votou por transferi-lo para março de 2022 na mesma cidade, presencial. A crença de que até esse período haja vacinação em massa suficiente (apesar de atuações contrárias que temos presenciado) para realizarmos o nosso evento com segurança. Este adiamento pôde ser feito sem ônus para a Febrapsi.

Imaginar reencontros com as obras dos homenageados Mario Quintana e Érico Veríssimo, com as dos autores psicanalíticos e, claro, entre nós: uma boa razão para o voto.

Entre o “nunca” e o “sempre”

Joyce Goldstein
Rossana Nicolielo Pinho

(Comissão de Infância e Adolescência)

Diego não conhecia o mar.
O pai, Santiago Kovakloff,
levou-o para que descobrisse o mar.
Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do
outro lado das dunas altas, esperando.
Quando o menino e o pai enfim
alcançaram aquelas alturas de areia,
depois de muito caminhar, o mar estava
na frente de seus olhos. E foi tanta a
imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que
o menino ficou mudo de beleza. E quando
finalmente conseguiu falar, tremendo,
gaguejando, pediu ao pai:

– Pai, me ensina a olhar!

Eduardo Galeano
O Livro dos Abraços



criança que vive dentro de nós, nos deparamos com a nobre função de traçar um caminho imaginário, uma trama de inspiração sonhada, que ajude um a acordar menos obscuro.

Assim devemos seguir nós, psicanalistas, oferecendo um espaço de ilusão que promova às nossas crianças e a nós próprios as múltiplas possibilidades de “olhar o mar”. Que diante dos não saberes, do desconhecido, dos medos que todos estamos vivendo, possamos estar de “mãos

Ontem, antes desse hoje estranho e ainda impactante, parece ter ficado para trás assim como as ondas, depois da ressaca que arrasta e desfaz os frágeis castelos de areia para longe do mar.

O que seria então, o futuro?

E Diego, a nossa criança do futuro, continua a afirmar:

“– Eu não quero morrer nunca, porque quero brincar sempre.”

Seria possível brincar quando se olha em torno e parece estar os medos e a morte a ocupar os territórios, a banir os laços presenciais e a diminuir a esperança?

Como permitir que a ilusão nos aconteça; durante o tempo da espera de uma outra realidade, sem imaginar que golpeados seremos por nos permitir acreditar?

Na travessia do presente, em certo êxodo contemporâneo, ainda negociando com a

dadas”, acompanhados uns dos outros.

A Comissão de Infância e Adolescência vem dirigindo um olhar não só para as crianças e jovens, mas para a importância de se criar um espaço do pensar teórico-clínico que nos acolha na transição do ontem, para o hoje e o futuro.

Entre o “nunca” e o “sempre” nos valem os do “espaço potencial”, que nos permita criar e significar para entrarmos “mar adentro”.

CONSELHOS, FEDERADAS E PRESIDENTES:

CONSELHO DIRETOR

Presidente: Cintia Xavier de Albuquerque
Secretária Geral: Gisèle de Mattos Brito
Tesoureiro: Jose Alves Gurgel
Dir. do Conselho de Coordenação Científica: Bernard Miodownik
Dir. do Conselho Profissional: Carlos César Marques Frausino
Dir. de Publicações e Divulgação: Marina Kon Bilenky
Dir. de Comunid. e Cultura: Wania Maria Coelho Ferreira Cidade
Dir. Superintendente: Daniela Bormann Vieira
Secretária do Conselho de Coordenação Científica: Joyce Goldstein

ADMINISTRAÇÃO

Gerente Administrativo Financeiro: Lúcia Boggiss
Analista de Comunicação: Taís Maia

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Editor: Claudio Castelo Filho
Editora Associada: Elsa Vera Kunze Post Susemihl

CONSELHO CIENTÍFICO

Diretor: Bernard Miodownik
Secretária do Conselho de Coordenação Científica: Joyce Goldstein
SBPSP: Ana Maria Stucchi Vannucchi
SPRJ: Mariangela Relvas
SBPRJ: Luciana Carvalho dos Santos
SPPA: Maurício Marx e Silva
SPRPE: José Fernando de Santana Barros
SPBSb: Daniela Yglesias de Castro Prieto
SBPdePA: Christiane Vecchi da Paixão
SPPel: Bruno Salésio da Silva Francisco
SBPRP: Thaís Helena Thomé Marques
APERJ-Rio4: Rosa Maria Raposo de Almeida Albé
SPMS: Gleda Brandão Coelho Martins Araújo
SBPMG: Alane Michelini Moura
SPFOR: Rosane Muller Costa
SBPCampinas: José Carlos Veras di Migueli
GEPG: Maristela Nunes Pinheiro

GPC: Sérgio Seishim Kaio
GEP Rio Preto e Região: Elaine Tilelli Abbes
GEP-SC: Maria Carmelita Teixeira Gorski

DELEGADOS

Carmen C. Mion, Marta Foster, Rosa Maria Carvalho Reis, Maria Emília Moreira Barcellos, Lúcia Maria de Almeida Palazzo, Miguel Sayad, José Carlos Calich, Maria Cristina Garcia Vasconcellos, Alirio Torres Dantas Jr., José Fernando de Santana Barros, Lúcia Eugênia Velloso Passarinho, Roberto Calil Jabur, Ane Marlise Port Rodrigues, Lores Pedro Meller, Christine Marques Castro Vinhas, Graciela Huecu Maldonado Loch, Miguel Marques, Cláudia Fernanda Bianchi, Lindemberg Nunes Rocha, Cláudio Campos Filho, Paulo Marcio Bacha, Miriam Cátia Bonini Codorniz, Marília Macedo Botinha, Rossana Nicolielo Pinho, Petrónio Sá Benevides Magalhães Júnior, Regina Célia Cardoso Esteves, Ronis Magdaleno Jr., Ana Maria Queiroz Guimarães Protti, Luciane Guelli Gifford Carneiro, Maristela Nunes Pinheiro, Géio Marques Filho, Edna Maria Romano Wallbach, Marly Terra Verdi, Osvaldo Luís Barison, Fábio Firmino Lopes, Anne Pflüger

PRESIDENTES DAS FEDERADAS

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)
Carmen C. Mion
Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ)
Rosa Maria Carvalho Reis
Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)
Lúcia Maria de Almeida Palazzo
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)
José Carlos Calich
Sociedade Psicanalítica de Recife (SPRPE)
Alirio Torres Dantas Jr.
Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSb)
Lúcia Eugênia Velloso Passarinho

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA)
Ane Marlise Port Rodrigues
Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel)
Christine Marques Castro Vinhas
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP)
Miguel Marques
Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro (APERJ-Rio4)
Lindemberg Ribeiro Nunes Rocha
Sociedade Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS)
Paulo Marcio Bacha
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG)
Marília Macedo Botinha
Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR)
Petrônio Sá Benevides Magalhães Júnior
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG)
Luciane Guelli Gifford Carneiro
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas)
Ronis Magdaleno Jr.
Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC)
Géio Marques Filho
Grupo de Estudos de Psicanálise de São José do Rio Preto e Região (GEP Rio Preto e Região)
Marly Terra Verdi
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Santa Catarina (GEP-SC)
Fábio Firmino Lopes

NÚCLEOS PSICANALÍTICOS

Núcleo Psicanalítico de Maceió
Núcleo Psicanalítico de Florianópolis
Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo
Núcleo Psicanalítico de Salvador
Núcleo de Psicanálise de Marília e Região
Núcleo de Psicanálise de Uberlândia

Febrapsi apoia projeto SOS Manaus para ajudar vítimas da Covid-19

Helena Daltro Pontual (SBPSP e SPBsb)



Febrapsi faz parceria em projeto para distribuição de máscaras

Um milhão de máscaras

A Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) através da Comissão de Infância e Adolescência, comprometida com a Responsabilidade Social, apoia psicanalistas voluntários em uma tarefa de atendimento emergencial virtual. Junto da federação, um grupo de empresários da moda mineira, que desde o início da pandemia trabalha com a meta de produção e doação de 1 milhão de máscaras, envolve-se nessa força tarefa.

Ambos, em parceria, promovem a importante Ação Solidária SOS Manaus.

Dessa ação conjunta, 20.000 máscaras foram doadas para Manaus, sendo 10.000 para profissionais de saúde, além de 10.000 unidades para a população local, incluindo crianças.

De mãos dadas, lutamos pelas vidas!!



Uma equipe solidária

O grupo coordenado pela analista de crianças e adolescentes Alcía Lisondo tem o objetivo de organizar, recrutar e disciplinar os atendimentos dos que estão dispostos a ajudar no projeto SOS Manaus. É composto por seis analistas, listadas abaixo:

Adriana de Melo Lima, mestre em Psicologia, especialista em Psicologia Perinatal e Parental, fundadora e diretora do Núcleo Psicanalítico de Manaus;

Claudia Boutros de Carvalho, pediatra e analista em formação do Grupo de Estudos Psicanalíticos (GEP) de São José do Rio Preto;

Joyce Goldstein, da Comissão de Infância e Adolescência da Febrapsi, membro associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), psicanalista de crianças, adolescentes e adultos;

Marly Terra Verdi, analista didata e docente da SBPSP, do GEP de Ribeirão Preto e do GEP de São José do Rio Preto;

Rossana Nicoliello Pinho, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG), psicanalista de crianças a partir de um ano, adolescentes e adultos;

Thalita Salomão Rodrigues Alves, analista em formação da Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel).

A Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) lançou, em janeiro, o Projeto Solidário SOS Manaus, que oferece atendimento psicológico gratuito on-line para profissionais de saúde, pacientes e familiares envolvidos no enfrentamento da Covid-19 naquele estado, bem como arrecadação de fundos para ajudar as vítimas.

A presidente da Febrapsi, Cíntia Xavier de Albuquerque, membro efetivo da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb), encaminhou carta aos presidentes das federadas pedindo a divulgação do programa e o comprometimento dos analistas. “Essa é uma importante colaboração neste momento dramático de nosso país”, disse Cíntia, acrescentando que acompanharam “horrorizados o colapso do sistema de saúde do Amazonas, o descontrole completo da pandemia do Covid-19 e o ápice inimaginável da falta de oxigênio em Manaus para todos os pacientes, inclusive recém-nascidos, com as mais diversas doenças”.

Em reunião no domingo, 17 de janeiro, os diretores da Febrapsi identificaram duas principais necessidades: saúde física (atendimento médico e apoio ao sistema de saúde) e mental (atendimento psicológico on-line e gratuito a profissionais de saúde, pacientes e familiares).

Para o atendimento à saúde mental, foi criado o SOS Manaus Sofrimento Psíquico, destinado a ajudar bebês, crianças e adolescentes em sofrimento psíquico, filhos de pais que estão internados, gravemente enfermos ou que faleceram em decorrência do coronavírus. O projeto também se destina a atender cuidadores, educadores, famílias acolhedoras, profissionais do Poder Judiciário, profissionais da saúde e demais responsáveis em distintos âmbitos de atuação na vida dos bebês, crianças e adolescentes envolvidos. Idealizado e coordenado por Alcía Beatriz Dorado de Lisondo, analista didata e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e da Sociedade de Psicanálise de Campinas (SPCamp), o projeto conta ainda com a participação de seis psicanalistas na comissão organizadora e cerca de 80 psicanalistas da Febrapsi disponíveis para atendimentos.

Quanto ao atendimento das necessidades de saúde física, os diretores da Febrapsi propuseram a arrecadação de fundos junto aos 2.300 membros da entidade. Os recursos irão para o Fundo de Crise Coronavírus dos Médicos sem Fronteiras (MSF), que está apoiando o sistema de saúde em algumas regiões do Amazonas, como Tefé e São Gabriel da Cachoeira, além da população mais vulnerável de Manaus. As doações devem ser feitas diretamente pelo site do MSF: <https://www.msf.org.br>



FÓRUM CIENTÍFICO

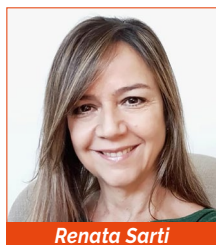
A Febrapsi lançou um projeto destinado a dar maior visibilidade às publicações das federadas. Chamada Fórum Científico: Conectados pela escrita – Expansões psicanalíticas, a iniciativa tem o objetivo de propiciar novas formas de conexão entre os psicanalistas.

Idealizado pela Diretoria Científica, o projeto será desenvolvido, todo por escrito, dentro de um GoogleGroups denominado Fórum Científico Febrapsi, restrito a integrantes da Federação. “Neste Grupo, periodicamente, teremos acesso a um artigo que tenha sido previamente lançado numa das publicações das federadas, versando sobre uma temática teórico-clínica”, explicam Ana Cláudia Zuanella (SPRPE) e Renata Sarti (SBPRP), coordenadoras do fórum.

A ideia é incluir a participação de todas as federadas, e os próprios editores das



Ana Cláudia Zuanella



Renata Sarti

publicações (ou revistas) escolherão o artigo. Associados ao texto, serão publicados dois breves comentários de analistas previamente convidados com o intuito de estimularem o debate entre os colegas.

Assim, pretende-se promover interfaces teórico-clínicas onde cada integrante do grupo terá a oportunidade de compartilhar seu olhar e escuta singulares, expressão da pluralidade do pensar em psicanálise. “Nosso fórum entende a escrita e o diálogo como preciosos meios de conexão, que favorecem a expansão do pensamento psicanalítico”, acrescentam as coordenadoras.

CONVIDAMOS TODOS A PARTICIPAR!

Inscrições pelo e-mail:
secretaria@febrapsi.org

Laços entre nós

Tais Maia

Analista de Comunicação

Depoimentos em vídeo de psicanalistas das 18 entidades federadas da Febrapsi passaram a circular pelas redes sociais, a partir de outubro passado, para ampliar o debate sobre o tema do próximo Congresso Brasileiro de Psicanálise, “Laços: e Eu e o mundo”, programado para março de 2022.

A série “Laços entre nós” foi lançada pela Diretoria Científica e Diretoria de Publicações e Divulgação da Febrapsi e apresenta breves depoimentos dos psicanalistas sobre as infinitas formas de laços que nos envolvem, da nossa história individual e da nossa relação com pequenos e grandes grupos. Laços se formam, se dissolvem, se estreitam ou apertam até sufocar. Laços são determi-

nantes na história de cada indivíduo e em sua inserção na comunidade e no mundo.

Várias atividades são pensadas para que este tema seja amplamente debatido no 28º Congresso Brasileiro de Psicanálise. Até lá é possível desfrutar dos vídeos no canal da Febrapsi no Youtube.



Notícias do Conselho Profissional

Carlos Frausino

Diretor do Conselho Profissional

A nova composição do Conselho Profissional se reuniu, virtualmente, em 27 de fevereiro. As discussões pautaram-se pelo objetivo de evitar a descontinuidade da tradição e do trabalho das diretorias passadas da Febrapsi e planejar novas diretrizes de ação do Conselho.

Após a abertura da reunião pela presidente da Febrapsi, Cíntia Xavier de Albuquerque, ouvimos os relatos dos ex-diretores Hemerson Mendes e Claudia Carneiro, que apontaram impasses e perspectivas do nosso ofício diante das ameaças de regulamentação com princípios distantes da ética psicanalítica.

Mas como zelar pelo ofício em um momento distópico imerso em uma profunda crise sanitária e política, que já levou a óbito mais de 350 mil brasileiros? Avanços civilizatórios conquistados ao longo de décadas estão sendo destruídos, políticas consolidadas estão em xeque, e a ciência não é parâmetro norteador de políticas públicas.

Como lidar com a frequente oferta de cursos de psicanálise “religiosos” e com vários outros que não seguem os parâmetros da formação/transmissão pautados pela ética analítica e pelo clássico tripé formativo?

A Febrapsi participa do Movimento Articulação, criado em 2000 e constituído por mais de 60 entidades psicanalíticas norteadas pelos postulados freudianos. Atua sempre que se apresentam no Congresso Nacional novos projetos de regulamentação da profissão.

Atualmente, tramitam o Projeto de Lei do Senado 101/2018, do senador Telmário Motta, que Regulamenta a profissão de psicanalista; o Projeto de Lei do Senado 174/2017, do mesmo senador, que Regulamenta o exercício da profissão de terapeuta naturista (no qual se insere a psicanálise); e a Sugestão Parlamentar 40/2019, que propõe a Regulamentação da “Psicoterapia” como prática privativa de Psicólogos com CRP ativo.

Nesse complexo quadro, o Conselho Profissional decidiu que essas discussões devem envolver todas as federadas. Para tanto, definiu-se um Grupo de Trabalho Executivo, com representantes regionais, que irá traçar uma estratégia de ação e uma agenda de trabalho que será informada em breve.

Assembleia aprova jornada anual da DCC e cria comissão sobre racismo

Febrapsi agenda evento de cultura para setembro e constitui grupo para estudar práticas antirracistas

Wania Maria Coelho Ferreira Cidade
Diretora de Comunidade e Cultura da Febrapsi

Na última Assembleia de Delegados, ocorrida no dia 28 de novembro de 2020, aprovamos duas medidas importantes, referentes à Diretoria de Comunidade e Cultura da Febrapsi. A primeira delas diz respeito à Jornada de Comunidade e Cultura que, devido ao sucesso da edição de 2020, firmou-se a anuidade do evento. Assim, agendamos a Jornada deste ano para os dias 10 e 11 de setembro, no mesmo modelo do ano passado – se ainda for possível, registre na agenda de sua sociedade ou grupo de estudos para que todos possam participar – uma mesa na noite do dia 10/9 e outras duas na manhã e na tarde do sábado, dia 11/9.

A segunda medida, discutida e aprovada pelos delegados, foi a criação da Comissão de Estudos Psicanalíticos sobre Racismo e Práticas Antirracistas, um nome longo, mas que sintetiza muitas ideias. Foi muito importante contarmos com o apoio unânime das federadas, uma vez que temos assistido ao recrudescimento da violência contra os grupos sociais que fogem ao que é ditado como norma. Deste modo, as questões de raça, gênero, sexo e concernentes aos direitos humanos estão em pauta e precisam ser pensadas pelos psicanalistas, posto que elas nos chegam cotidianamente por caminhos singulares e coletivos, como testemunhos de dores inomináveis.

Na ocasião da votação encaminhamos uma carta aos delegados com os argumentos que nos levaram à inclusão do tema no campo de interesse e de estudos da DCC. Destacamos os principais:



Artista: Rafael Oliveira - Simba

- Aprofundar a compreensão do pensamento colonial, das relações raciais e do racismo estrutural no Brasil, visando maior compreensão sobre o tema no ambiente psicanalítico;
- Pensar em dispositivos que ampliem a aproximação da população negra e indígena do ambiente e do conhecimento psicanalítico;
- Trazer a riqueza da diversidade de pensadores da diáspora negra para o ambiente psicanalítico;
- A Comissão pretende estudar com a finalidade de formular ações antirracistas. É essencial que pensemos a respeito dos fatos e assuntos que fazem parte dos campos social, político e cultural, conforme tem feito o bem-sucedido Observatório Psicanalítico. Estar no mundo é ser afetado por ele, sofremos os impactos da cultura, da história e os efeitos do modo como o Brasil foi estruturado. É sobre este caminhar que pretendemos pensar.

Após a aprovação do segundo item, estabeleceu-se que cada presidente indicaria um representante de sua respectiva sociedade

para compor a comissão. Assim foi feito, solicitamos nomes de colegas que queiram trabalhar com esse tema relevante e atual e contamos com os seguintes colegas: Maria Angelica Tourinho Arcoverde (SPRJ), Eloá Bittencourt Nóbrega (SBPRJ), Mary Wolff (SPPA), Carolina Cavalcanti Henriques (SPRPE), Claudia Carneiro (SPBsb), Ignácio Paim Filho (SBPdePA), Beatriz Hax Sander (SPPel), Josiane Barbosa Oliveira (SBPRP), Luziclaire Sanchez Colnaghi Silva (SPMS), Lucas Silva Santos (SBPMG), Maria José de Andrade Souza (SPFOR), Carla Barbosa de Andrade Jayme (GEPG) e Maria Angela Pala (Rio Preto e Região). As demais sociedades ainda não enviaram representantes, mas a qualquer momento os interessados serão bem-vindos.

PANDEMIA DIFICULTA CONGRESSO PRESENCIAL

A situação pandêmica no Brasil está gravíssima e exacerbada por ações políticas pouco eficazes que aumentam também o medo e as incertezas, afetando o conjunto da sociedade e a nossa relação com o mundo. Diante das circunstâncias, presumimos (a confirmar) que não teremos o Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa presen-

cial como é o nosso desejo. De todo modo reservamos as datas 19, 20 e 21 de novembro para realização de atividade similar à que fizemos no ano passado. Contamos com o entusiasmo de vocês para repetir os belos encontros dos países de língua portuguesa. Um sonho está sempre a espera de ser realizado. (W.M.C.F.C.)

A verdade do trauma e a pandemia - o que cabe ao analista?

O tema parece inesgotável e insiste, como que exigindo elaboração. Pergunta-se, até nos jornais: será a pandemia traumática para todos que a vivem?

Podemos supor que sim. A tragédia é grande demais e, ao menos por ora, tornou-se contínua. É de tamanha magnitude que deve conter, para todos os psiquismos, um quê de excessivo e não representado (até porque irrepresentável), ainda que esse “quê” varie de pessoa para pessoa.

Como analistas, nos dispomos a ouvir o traumático como algo singular: aquilo que, na vivência de um fenômeno, é próprio do funcionamento psíquico de cada um. Quando alguém narra eventos, sentimentos ou perdas sobre o agora, nos perguntamos como aquilo revela e reedita modos de funcionamento e defesa próprios.

Elias, Alberto e Elizabeth Rocha Barros, em artigo na Revista Brasileira de Psicanálise (Vol.54, n.2, 2020), organizam assim a questão: é inegável que estejamos passando por um trauma sociocultural, um processo de longa duração que funciona como um tumor, “se alastra pela tessitura sociocultural, criando associações malignas que dificultam a compreensão do que acontece, interferindo em todas as relações sociais, sejam familiares ou institucionais” (p.48). É certo que esse trauma atinge as pessoas de forma diferente, já que “uma situação, por mais catastrófica que seja, não será necessariamente traumática para todos os indivíduos no mesmo grau e da mesma maneira” (p.49).

Pensar sobre isso me fez pensar sobre quem, entre os pacientes predominantemente neuróticos, não narra. Tive a oportunidade, nestes doze meses, de ouvir um paciente cujos silêncios (que não me parecem resistentes) aumentaram muito em 2020. Outro que começou a ter crises de angústia - e suas parcas associações não remetiam ao contexto. Para estes, o trauma pandêmico parece de fato ser aquilo que não entrou ainda na cadeia associativa e, como ele pode ter muitas dimensões, sobra à analista a paciência e a sustentação de esperar e juntar as pistas de como e por que o momento foi traumático para aquele sujeito. Sobra também o medo de “emprestar” representações e fazer nomeações que digam respeito ao seu próprio trauma, mais do que ao do paciente, já que esta catástrofe da pandemia é compartilhada, mas seu sentido não necessariamente.

Tive também um par de pacientes que agiram como se a pandemia de fato não existisse, como se fosse um detalhe, às vezes incômodo por impedir ou dificultar algum plano, mas incapaz de modificar qualquer coisa em suas vidas. O que isso significa?

Pode um evento dessa magnitude não afetar alguém? Quase 2.900.000 mortos no mundo. No Brasil, mais de 320 mil. Manaus. Ocupação de leitos de UTI acima de 80% em mais da metade dos estados. Impossível não pensar na massa de pessoas que seguem fazendo festas, viagens, aglomerações e sem fazer uso dos protocolos recomendados.

Uma frase no texto do trio Rocha Barros me inquietou: “Na falta de uma representação assimilável, e diante da destruição dos mecanismos de compreensão, o evento catastrófico torna-se presa fácil das ideologias”.

Entendo que a frase diga que as ideologias passam a construir discursos sobre a pandemia que anulam as singularidades. Ao mesmo tempo, no fla-flu eterno em que nos metemos, é como se em um polo ideológico a pandemia existisse e, no outro, fosse mesmo uma “gripezinha” e chegar à marca de 3.950 mortos em um dia no país fosse o mesmo que não chegar.

“Assim, se de modo geral parece relativamente claro o ponto em que a psicanálise se distancia dos discursos políticos, já que sua busca é pela desalienação e emancipação dos sujeitos em relação às identificações maciças e cegas, aqui é dos casos em que a coisa se complica, pois confronta a psicanálise com o problema da verdade.”

Assim, se de modo geral parece relativamente claro o ponto em que a psicanálise se distancia dos discursos políticos, já que sua busca é pela desalienação e emancipação dos sujeitos em relação às identificações maciças e cegas, aqui é dos casos em que a coisa se complica, pois confronta a psicanálise com o problema da verdade. Ainda que nenhum discurso político dê conta da experiência da pandemia e que haja muitas nuances e muitos vieses de complexidade para serem considerados na escuta de cada sujeito, a fim de que o pensamento seja possível, a pandemia existe, é catastrófica. Ignorá-la diz algo sobre o psiquismo do sujeito que a ignora; algo que, a rigor, deveria ser passível de análise.

Creio, assim, que essa é uma questão clínica que, de fato, tensiona eticamente a relação entre psicanálise, sociedade e política. Por um lado, pergunto-me sinceramente: se a pandemia não é um tema trazido pelo paciente, quem sou eu para introduzi-lo? Por outro, debato-me com a ideia de que



Ludmila Frateschi

Membro filiado do Instituto Durval Marcondes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

todos somos testemunhas de uma mesma catástrofe e de que o silêncio em relação a ela deve querer dizer alguma coisa.

Shoshana Felman, em um artigo do excelente livro *Catástrofe e Representação* (Escuta, 2000), discorre sobre o tema. A autora recupera Freud: o testemunho denuncia o sintoma naquilo que *escapa* ao discurso. “Nesse sentido, a psicanálise repensa profundamente e renova radicalmente o próprio conceito de testemunho, ao sugerir e ao reconhecer, pela primeira vez na história da cultura, que não é necessário possuir ou ser dono da verdade para testemunhar sobre ela de forma eficiente; que o discurso, enquanto tal, é testemunhal sem o saber e que aquele que fala constantemente testemunha uma verdade que, apesar disso, continua a lhe escapar. Uma verdade que é, essencialmente, inacessível para o próprio orador” (p. 27).

Levando essa ideia a fundo, a verdade sobre o que vivemos agora não seria o que escapa apenas a quem não fala dela, mas a que escapa na fala e na consciência de todos nós, inclusive analistas.

Mais para frente, no mesmo texto, Shoshana diz:

“Se é o acidente (situação traumática) que *persegue a testemunha*, é o caráter compulsivo da testemunha que está sendo destacado: a testemunha é ‘perseguida’, ou seja, ao mesmo tempo coagida e atada ao que, no impacto inesperado do acidente, é igualmente incompreensível e inesquecível. O acidente não solta: é um acidente do qual a testemunha não consegue mais se libertar.

Porém, se de forma ainda menos inesperada, é a testemunha quem *persegue o acidente*, é provavelmente porque a testemunha, ao contrário, entendeu que uma *libertação* pode se processar e que *acidentalização* é, inesperadamente também, de alguma forma, uma *libertação*”.

Neste sentido, ainda que a verdade traumática sobre a catástrofe nos escape a todos, seria tarefa libertadora da análise passar a persegui-la, exigindo de nós, analistas, que suportemos a dor, a tensão ética e o trabalho de autoanálise necessários.

Desafios para a Psicanálise da IPA em tempos de pandemia

A pandemia atravessou a IPA de uma maneira bastante contundente, e em meio a uma discussão que já estava em processo. Eu digo que a IPA foi atravessada, pois, assim que assumimos, já estávamos cientes de que havia uma pressão para aumentar ou facilitar que as análises didáticas fossem online. Grupos favoráveis a uma maior abertura faziam chegar seus pleitos ao 'Board' da IPA, enquanto que outros se mostravam francamente contra processo psicanalítico ser realizado através de ferramentas online ou remotas. Diante disso, nós criamos o que chamamos de uma "Força-Tarefa", constituída por membros de todas as regiões da IPA, com o objetivo de estudar o que chamamos de "Remote Training" (Formação Remota). Essa Força-Tarefa terminará o seu trabalho em maio deste ano, com a produção de um relatório sobre o tema em questão que será discutido pelo Conselho Diretor da IPA em sua reunião de junho-julho.

Mas quais são as regras existentes? Temos uma regra de que qualquer análise de formação precisa ser presencial e, caso existissem 'circunstâncias excepcionais', seria necessário que se realize no mínimo 100 sessões de forma presencial por ano, acrescido de partes com análise condensada e presencial; ou começar a análise de formação de forma presencial por um ano, para então passar para a) online com um mínimo de 1 mês por ano de análise presencial, ou b) máximo de 30% de análise online. Dentro dessas normas, as análises de formação online eram autorizadas apenas em circunstâncias excepcionais, como é o caso de áreas onde ainda não há uma presença da IPA, devido à necessidade de formar um primeiro núcleo de analistas, ou como meio de acesso a pessoas com deficiência que, de outra forma, não teriam acesso à formação psicanalítica.

Entretanto, quando nos vimos em meio a uma pandemia (COVID19), reconhecemos a necessidade de que o atendimento online fosse flexibilizado, uma vez que o confinamento era a regra básica de proteção ao COVID19, lá no início de 2020. Com isso, e enquanto "Officers" da IPA, estabelecemos uma nova regra temporária, onde liberamos, até segunda ordem, todas as análises e supervisões didáticas para serem praticadas na modalidade online, a critério da dupla analista/analizando ou supervisor/supervisionando.

No momento atual, estamos começando a estudar como será o processo de retorno para o atendimento presencial e com quais desafios e mudanças iremos provavelmente nos deparar. Além disso, vimos, nesse meio tempo, um clamor muito grande por uma maior liberação do atendimento online, uma vez que várias pessoas manifestaram uma

maior aceitação da análise remota. Também pudemos observar muitos analistas sustentando o lado confortável de atender online. Por exemplo, no sentido do deslocamento até o consultório e da maior flexibilidade que o atendimento remoto proporciona, enquanto muitos outros se queixavam da diferença de se fazer análise sem a presença do corpo, sem poder experimentar algumas sensações que não são possíveis através do dispositivo online. Em geral, as posições seguem sendo muito radicais, apesar de este 'atravessamento' ocorrido devido à Covid19 tenha dado espaço para novos posicionamentos e arrazoados.

Sob uma outra perspectiva, vale ressaltar que estamos diante de duas pandemias: uma do COVID19 e outra de saúde mental. Com isso, falo sobre o impacto da pandemia em relação à socialização e subjetividade humanas, diante da ruptura provocada pelo confinamento, com os consequentes medos da morte, do parricídio e do matricídio, dentre muitos outros. A meu

“ Se o 'setting' interno do analista é a sua ferramenta por excelência para a instauração do processo psicanalítico, ficou muito patente que cada analista encontrou a sua forma de manter o seu enquadre interno, mesmo nestas circunstâncias excepcionais ”

ver, a pandemia causou um trauma coletivo, e esperamos um aumento muito grande do que chamamos de Transtorno de Estresse Pós-Traumático e Depressão, decorrentes das perdas (não só pessoais, familiares, mas da vida em geral). Isso ensejou um movimento importante de reconhecimento da crise, e da máxima: "Nunca desperdice as oportunidades que uma crise pode nos proporcionar". Momentos de mudanças, de novas perspectivas, e especialmente, de reinvenções para o fazer psicanalítico. Penso que é um momento único para o desenvolvimento da Psicanálise, tanto como prática clínica como no seu desenvolvimento teórico.

Outro tema que gostaria de abordar é o do enquadre interno do analista - e como ele é requerido para determinado tipo de paciente em um nível muito mais acentuado. Se o 'setting' interno do analista é a sua ferramenta por excelência para a instauração do processo psicanalítico, ficou muito patente que cada analista encontrou a sua forma de manter o seu enquadre interno, mesmo nestas circuns-



Sergio Nick

Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro e vice-presidente da Associação Psicanalítica Internacional

tâncias excepcionais. Mas se pensarmos em pacientes mais graves, ou naqueles momentos em que o processo psicanalítico se aproxima de partes mais primitivas da mente, temos uma questão a discutir. Sejam pacientes com problemáticas que dizem respeito à questão da representação, sejam com aquelas relacionadas ao controle pulsional, onde a tela se mostra um espaço ainda mais frágil para que seja possível ao analista se mostrar mais presente e poder fazer a continência ou a rêverie necessária para eles, temos uma dificuldade maior para a manutenção do enquadre. Acredito que o encontro com esses tipos de pacientes sofre mais restrições através do atendimento online do que com outros nos quais os níveis de representabilidade e associativo são bem mais desenvolvidos. Se bem que não deixamos de captar identificações projetivas, e outras comunicações inconscientes no atendimento online, percebo o quanto tivemos que nos adaptar a essas novas circunstâncias e como poderemos desenvolver o nosso conhecimento a respeito.

Entendendo que cada candidato em formação e analistas em reanálise terão que passar pela análise de seus espaços/partes psicóticas da personalidade, seus aspectos perversos, destrutivos, e disruptivos, creio que a volta aos atendimentos presenciais beneficiará a formação psicanalítica como um todo. O acesso a tais elementos é de enorme importância para os analistas em formação ou para os analistas já formados que procuram uma nova experiência de análise. Será que o nível de regressão em análise que é possível de se alcançar na modalidade remota é o mesmo que na análise presencial? Eu não só tenho ouvido, como experimentado em minha clínica, que tal experiência não é a mesma quando comparada ao atendimento presencial. A meu ver, neste último, temos uma vivência diferenciada dos processos transferenciais e do contato com as camadas mais remotas - ou de acesso mais difícil - da mente.

Nossos desafios começam quando novas questões se apresentam. Ao invés de tentar respondê-las, prefiro deixar a pergunta: como responderemos a elas?!

Psicanálise remota, corpo e afeto: reflexões de um ano de pandemia

No início de 2020, a pandemia de COVID-19 atingiu uma Humanidade despreparada. Não foi a primeira pandemia, e não será a última. Há relatos de pestes na *Bíblia* e na *Ilíada*, e registros históricos de grandes ondas de doença desde a Antiguidade.

Traumas psíquicos ocorrem quando a experiência vivida sobrepuja a capacidade de elaboração mental, deixando marcas na mente e no corpo. No caso da atual pandemia, seria mais preciso falar de período traumato-gênico coletivo, um intervalo de tempo em que vários traumas de intensidade maior ou menor ocorrem de maneira cumulativa, todos os dias, atingindo todas as pessoas.

Sem maiores pretensões de completude, podemos listar como situações traumatogênicas os lutos não vividos, os medos reais e imaginados da doença e da morte, a desorganização das rotinas, a perda do convívio familiar e social, e a grave crise econômica, problemas agravados pela espetacularização do sofrimento nos meios de comunicação, pela politização e ideologização da pandemia, e pela má atuação ou omissão de autoridades não confiáveis. Infelizmente, no Brasil e no mundo, as pessoas mais pobres sofrem as mais graves consequências.

O impacto negativo sobre a saúde mental dos indivíduos é evidente. Já há registros de aumento dos casos de ansiedade e depressão em todas as idades, entre outros problemas. A necessidade de atuação dos profissionais de saúde mental aumentou exponencialmente.

Os psicanalistas souberam se organizar para corresponder às novas demandas. As Sociedades filiadas à Febrapsi criaram programas de atendimento solidário para a população em sofrimento. A SPRJ, sociedade a que pertencem, foi das primeiras a dar resposta às novas circunstâncias, logo no início da pandemia, pela criação da SPRJ Solidária, que disponibilizava de forma gratuita atendimentos telefônicos de crise, num trabalho muito enriquecedor para todos os participantes.

O isolamento social nos obrigou a dar continuidade às análises dos nossos pacientes de forma remota, pelas vias digitais. Agora, decorrido quase um ano do início da crise, começam a surgir, no Brasil e no mundo, as primeiras reflexões sobre o impacto da pandemia e sobre as vicissitudes do trabalho remoto.

Desde o início, não pude deixar de atender presencialmente alguns pacientes. Um senhor de mais de 80 anos, por exemplo, sem acesso a qualquer recurso digital, não suportou a tentativa de continuidade da análise por meio de sessões telefônicas, fazendo-me refletir sobre as limitações da metáfora da escuta para definir o trabalho analítico.

Comecei a atender a maioria dos pacientes por meio de sessões remotas. Embora já tivesse alguma experiência com a continuidade do trabalho analítico por vias digitais em casos de pacientes que passaram a morar fora do país, essas situações eram raras e excepcionais. Agora, passavam a ser a regra. Pudemos perceber claramente as enormes limitações do processo analítico realizado à distância, em relação às sessões presenciais.

Cabem aqui algumas reflexões.

A identificação é a primeira forma de comunicação. O bebê expressa seus estados internos por meio de manifestações corporais, inicialmente descargas não intencionais. A mãe suficientemente boa entra em sintonia com os estados corporais do bebê, por identificação empática, podendo assim atender suas necessidades.

Os registros mnêmicos das vivências corporais do bebê constituem a base sobre a qual se erigirá o edifício da mente. As manifestações afetivas corporais, que inicialmente eram pura

“A interrupção dos processos analíticos presenciais, ditada pelo isolamento social, motivou a adaptação para as sessões remotas. Mas sessões remotas não substituem as sessões presenciais. São, no máximo, esforços e tentativas ditados pelas circunstâncias adversas”

descarga, pura expressão, são incorporadas pelo ego e carregadas de intencionalidade, tornando-se comunicativas.

Todo indivíduo manifesta inconscientemente seus estados afetivos por meio do ritmo respiratório, da postura, da expressão facial e dos movimentos. A sincronização com a expressão corporal dos afetos é a base da empatia, o mecanismo que nos permite acessar as emoções de outras pessoas, conforme diz Freud numa nota de rodapé de *Psicologia de massas e análise do ego*, num trecho que vale repetir: “da identificação, um caminho leva, via imitação, à empatia, ou seja, à compreensão do mecanismo pelo qual somos capazes de tomar uma posição em relação a outra vida mental”.

Hoje, são poucos os analistas que duvidam que a base do processo analítico é afetiva, ocorrendo de maneira inconsciente, pelo acolhimento que o analista proporciona ao paciente por meio do setting. Quanto mais



Roberto Santoro Almeida

Membro efetivo e coordenador do Núcleo de Psicanálise e Arte da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro

graves os pacientes, tanto mais os aspectos formais, emocionais da sessão predominam em relação aos conteúdos ideativos.

O analista estabelece com o paciente uma identificação empática que permite o acesso ao seu mundo interno. O paciente, por sua vez, estabelece uma identificação estruturante, ou reestruturante, com o analista, ao modo da identificação do bebê com sua mãe. A raiz desse fenômeno é a comunicação não verbal, baseada na expressão corporal dos afetos.

É justamente essa comunicação inconsciente, por meio da sintonia corporal, que é prejudicada nas sessões remotas. Passamos a interagir com fantasmas bidimensionais dessincronizados.

A consequência é um enorme esforço para tentar compensar a limitação das vias comunicativas não-verbais, esforço só parcialmente recompensado. Parece-me que esse é o principal motivo para o estado de cansaço extremo que sentimos depois de um dia de atendimentos por meio de sessões remotas.

A interrupção dos processos analíticos presenciais, ditada pelo isolamento social, motivou a adaptação para as sessões remotas. Mas sessões remotas não substituem as sessões presenciais. São, no máximo, esforços e tentativas ditados pelas circunstâncias adversas. Na minha clínica, somente uma paciente pareceu se beneficiar com a mudança da forma de atendimento, uma situação interessantíssima que merece um trabalho futuro. Em todos os outros casos, as limitações ficavam patentes, despertando nos pacientes e em mim a expectativa de volta das sessões presenciais, como retorno à normalidade do processo analítico.

Encontros virtuais não substituem encontros pessoais. E assim será, pelo menos enquanto existirem seres humanos, e não os aterrorizantes híbridos biomecânicos previstos pelas mentes narcisicamente infladas de alguns dos grandes líderes da indústria da informática, em pesadelos autocentrados de imortalidade digital.

Ou alguém consegue imaginar uma mãe suficientemente boa que cuide de seu bebê pelo Zoom?

A busca por lugares possíveis

Um ano entre utopias e distopias no atendimento de crianças e adolescentes

Este sem dúvida vem sendo um ano em que nós psicanalistas, nativos digitais ou não, nos encontramos ininterruptamente convocados a buscar algum lugar que se constitua terapêutico, que faça sentido e que sintamos ser psicanalítico.

Surfar a onda digital se mostrou uma “marola” frente ao “desafio Maverick”¹ de tentar manter o trabalho psicanalítico com tantas perdas, como a da presença do corpo no encontro psicanalítico, e tantos medos ligados à sobrevivência de todos. O desafio aumenta quando se trata de análises de crianças e adolescentes, assim como de pacientes mais regressivos e desamparados.

Vivências distópicas, como estar frente à onda de Maverick, e utópicas, vindas de um referencial estruturado em settings tradicionais, estabelecem entre si uma tensão que parece abrir perspectivas com potencial de enriquecer nosso fazer psicanálise, buscando ondas possíveis para surfarmos com nossos pacientes.

Esta constante busca demandou muito trabalho mental, criatividade, flexibilidade, aceitação de limites, escuta aberta, desejo de ajudar, empatia, curiosidade e uma grande dose de tolerância a frustração de todos, analistas e pacientes.

Buscar algum lugar possível nestes atendimentos, neste contexto e momento, com cada paciente, possibilita que não nos sintamos tão inundados e que nossa função psicanalítica fique relativamente preservada. Na busca deste fazer possível pauto minhas reflexões.

No atendimento de crianças e adolescentes durante a pandemia encontrei alguns desafios (entre tantos) já descritos pela literatura psicanalítica, mas potencializados entre si e dificultados pelas distâncias não supridas pelo virtual.

A inerente dificuldade de elaboração de lutos na infância e adolescência (Urribarri, 1991) em função da estruturação do aparato psíquico ainda não completo, leva as perdas a se caracterizarem como traumas.

Assim, incontáveis vivências traumáticas na infância influenciam diretamente a edificação do sujeito. Traumas que, ao inundarem este período tão precioso, podem comprometer o momento que, conforme Aulagnier (1991), o sujeito se apropriaria dos elementos que constituem seu *fundo de memória* sobre o qual se teceria a tela de sua biografia.

Saber acerca dos limites de representação do trauma em sua vigência e que o a posteriori ainda não chegou é-nos extremamente difícil. Estamos imersos na mesma onda, esperando sair, respirar para buscar soluções.

Sentimos muita falta do conhecido enquadre que muitas vezes nos fornecia suporte para então lançar mão de momentos da regredência que permitiria esboços de perspectiva representacional. Sobrecarregando nossas mentes, nos vemos muitas vezes exaustos na tentativa de suprir, de dar conta de tantas faltas que o virtual e os excessos presentificam.

Soma-se a todo este contexto emocional, a inclusão muitas vezes sem fronteiras da família e do ambiente doméstico, tanto do paciente como dos analistas, levantando desafios ligados a sigilo, preservação de espaços e flexibilidade frente a este estado de exceção global.

Neste sentido, imaginando que esta realidade pode vir a representar limites importantes – ondas não surfáveis – me vi algumas vezes recorrendo ao meu banco de vivências pregressas, quando trabalhei na pediatria de um hospital público. Talvez essas experiências, hoje mais representadas, possam ser evocadas e subsidiar meus atendimentos durante a pandemia. Atender por exemplo uma criança com câncer e muita dor em meio a uma enfermaria com mais 5 leitos,

“Buscar algum lugar possível nestes atendimentos, neste contexto e momento, com cada paciente, possibilita que não nos sintamos tão inundados e que nossa função psicanalítica fique relativamente preservada”

separados apenas por uma cortina, com bombas de infusão apitando, enfermeiras e mães transitando atualiza a presença de tantas variáveis que hoje vivo: medos, fronteiras indefinidas, excessos, morte, dor, um setting que priorizou o encontro possível. Perceber que naquela ocasião pode acontecer uma “hora de jogo” e que se criou um espaço para expressão da dor, medos e esperanças, em que o traumático poderia ser acolhido, foram referências importantes em meio a este mar de ondas de incertezas que vivemos neste ano.

Assim, passamos a visitar mundos *upside down* com pacientes púberes, que além da pandemia já viviam suas dores existenciais, através da série “Stranger Things”, onde monstros *demogorgons* ameaçam e dizem a humanidade... Ingressamos com eles em Nárnia, um mundo de fantasia que os afasta um pouco deste mundo real repleto de perdas e medos... Falamos sobre Anabele, uma monstra que sumiu do museu no Japão e poderia aparecer por trás da cama... Desenhemos junto com os pacientes seus sonhos, por exemplo o de uma latente: uma montanha russa, tentando representar a instabilidade e imprevisibilidade vivida... Enfrentamos desafios diários de acompanhar com crianças menores o movimento



Ana Cristina Pandolfo

Membro associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

frenético do tablet sendo carregado pela casa, até conseguirmos montar cada um de seu lado da tela, com Lego, personagens, monstros, heróis e vilões, dinossauros e por fim, transformers...

Entendo que o movimento de transformação neste nosso momento parte de algo que as telas nos arremessam à percepção: a função de testemunhar o tamanho da onda que acomete cada um de nossos pacientes. Este é o início. Ver, sentir, compartilhar, em certa medida experimentar e, embora do outro lado da tela, reconhecer junto, como se estivéssemos (e estamos...) ao seu lado vendo a cena e não a desmentindo.

O que hoje fazemos, um ano após o início desta onda de contaminações, depois de perdas reais e de sonhos, é buscar algo da ordem da historização, embora ainda incipiente.

“A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la”. (Gabriel García Márquez, 2003)

Nossa tarefa, como presença que testemunha, historiza, insere a experiência numa narrativa e busca recursos de figurabilidade, é tentar constituir um tempo vivido que venha a ser representado.

E isto diz respeito aos pacientes e a nós mesmos. Como vamos costurar este trecho de nossa própria história como psicanalistas, que de um dia para outro passaram a lançar mão de um recurso pouco utilizado até então como única opção, é um capítulo igualmente em construção. Também estivemos acuados e ameaçados, vivendo perdas similares às de nossos pacientes.

Publicações como esta permitem que nos ouçamos, compartilhemos. É cedo ainda. Sabemos que estamos fazendo o possível para enfrentar ondas de dor, de perdas, de desorientação. A utopia não é possível, mas acreditar que a distopia pode ser transformada em perspectivas, diz respeito ao que Freud refere como o papel de Eros: que “desdobre suas forças para se afirmar na luta com seu não menos imortal adversário” (p.171)

REFERÊNCIAS:

- FREUD, S. Obras Completas – Edição Standard. *O Mal-estar na civilização* (1930 [1929])
- AULAGNIER, P. *Construir(se) un passado*. Revista de la APdeBA, volXIII, n.3, 1991
- MÁRQUEZ, Gabriel García. *Viver para contar*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.
- URRIBARRI, R. Perda de seres queridos en la infancia y la adolescência. *Psicoanálisis con niños y adolescentes*. N. 1 Tomo 1, 1991.

1 Quando em determinadas circunstâncias as ondas do mar se acumulam sobre um recife do litoral do Norte da Califórnia. A quebra resultante, conhecida como Mavericks cria ondas gigantes que atingem regularmente uma crista de 7,6 metros, com algumas chegando a atingir 24 metros e apenas poucos surfistas se arriscam a desafiá-la.



RBP sob nova gestão

A Revista Brasileira de Psicanálise – RBP iniciou o ano sob nova gestão. Cláudio Castelo Filho, membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, é o novo editor da Revista, sucedendo a colega Marina Massi (SBPSP) que assumiu a função por quatro anos. Cláudio Castelo é mestre em psicologia clínica pela PUC-SP e doutor em psicologia social e livre docente em psicologia clínica pela USP. Autor dos livros *O processo criativo: transformação e ruptura*, e *A psicanálise do vir a ser*, ambos editados pela Blucher. Também autor e organizador das obras *Perdemos pessoas queridas, saúde, emprego...*, *É possível aprender com nossas experiências?* (Página Um) e *Sobre o feminino* (Blucher).

Acompanha Castelo, como editora associada, Elsa Vera Kunze Post Susemihl, membro efetivo e docente da SBPSP, também professora



Cláudio Castelo Filho

do Departamento de Psicanálise com Crianças do Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo. Elza é tradutora do trabalho *Manuscrito Inédito de 1931* de Sigmund Freud e da *Autobiografia de Melanie Klein*, ambos

pela Blucher, e integrou a equipe de tradução das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, da Imago.

A nova gestão privilegiará a publicação da experiência clínica dos psicanalistas praticantes. “Interessa-nos principalmente o que nós, brasileiros, estamos vivendo em nossos consultórios, e atualmente na experiência *online*, e as evoluções obtidas nessas vivências”, afirma Cláudio Castelo. A carta convite para artigos em 2021 e outras informações podem ser acessadas no site da revista (www.rbp.org.br) e na página da publicação no Facebook.

ABC: tecendo narrativas

O ano de 2020 foi marcado por muitos desafios e pela necessidade constante de nos reinventarmos para seguirmos próximos dos colegas e mantendo o pensar psicanalítico vivo. Tivemos inúmeras atividades as quais nos possibilitaram esse contato, mesmo em tempos de virtualidade. Contamos com os Encontros Regionais, eventos já bem estabelecidos em nosso calendário, realizados pelos candidatos, representantes, conselheiros e diretoria da ABC, em um novo formato on-line. Em um primeiro momento, estivemos com os colegas das Sociedades e Grupos da região. No segundo tempo dessa sequência, apresentamos uma novidade: a ampliação da atividade aos associados de todo o país, o que viabilizou o diálogo entre os pares de distintos locais de formação. Totalizamos cinco encontros ao longo do ano, permeados de trocas afetivas e de conhecimento, cujos fios condutores foram a formação, as instituições e a psicanálise.

Inserimos outros eventos que marcaram o nosso calendário e possibilitaram espaços de diálogo e de contato, como vários fóruns, rodas de conversa, ABC Cultural – arte e psicanálise, além do estímulo vivo através

das nossas mídias sociais, sistematicamente alimentadas com conteúdos psicanalíticos. Destacamos a Oficina de Escrita (foto), ocorrida em setembro/20, a qual contou com a competente participação de Bernard Miodownik, membro efetivo da SBPRJ e diretor científico da Febrapsi, que nos brindou com sua experiência acerca do processo da escrita psicanalítica. Nessa ocasião, tivemos mais de 100 associados de todo país participando da conversa. Essa atividade seguiu o lançamento da carta-convite para o *Livro Construções VII* e o *Prêmio Virginia Bicudo*, os quais terão como tema: “**Entrelaçados: a clínica, a formação e o mundo**”.

Deixamos o convite para que os associados ABC enviem seus trabalhos, colaborando com a produção. O prazo para envio é dia 30 de junho de 2021. Vamos trabalhar juntos nessa tessitura de mais um capítulo da história da ABC?

Seguimos firmes no trabalho e na expectativa de novos encontros, combustível potente para nos mantermos abastecidos da nossa estimada psicanálise. (*Diretoria ABC – Gestão 2020-2021*)

Campinas passará a Sociedade Provisória em julho

Helena Daltro Pontual (SBPSP e SPBSB)

O Board da IPA aprovou, em junho de 2020, o pedido dos psicanalistas de Campinas (SP) para que fosse constituída a Sociedade Provisória Interina de Campinas (SBPCamp). A oficialização como Sociedade Provisória será feita no Congresso de Vancouver da IPA, a ser realizado em julho deste ano. “Como Sociedade Provisória podemos dar, com maior autonomia, os próximos passos para nos tornarmos Sociedade Componente, ainda que sejamos, até lá, acompanhados por um *Liaison Committee* designado pela IPA”, disse

o presidente da instituição, Ronis Magdaleno Júnior.

Segundo Ronis, em 2009 um grupo de psicanalistas de Campinas e outras cidades do interior paulista solicitaram à IPA a constituição de um Grupo de Estudo reconhecido pela instituição. O pedido foi aprovado e, então, constituído o Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas), sob acompanhamento do *Sponsoring Committee*, constituído por Ney Marinho e Lenita Nogueira Araújo.

Em 2011, houve a seleção da primeira turma de formação do Instituto de Psicanálise do GEPCampinas, com seis candidatos. Em 2018,

o GEPCampinas aprovou a primeira candidata do Instituto como membro associado. Posteriormente, o grupo se qualificou a pedir a passagem para a condição de Sociedade Provisória junto à IPA. Em maio de 2020, a *International Groups* da IPA aprovou a documentação dos psicanalistas e indicou o GEPCampinas para postular, diante do *Board* da IPA, sua indicação para Sociedade Provisória.

Nestes 12 anos, já foram formados cinco membros associados e há 15 candidatos em formação no Instituto. Atualmente, a SBPCamp conta com 22 membros efetivos, sete membros associados e um membro honorário.